

Vol XIII, Núm 1, jan-jun, 2021, pág. 291-306.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS RURAIS DO MUNICÍPIO DE CASTANHAL NO ESTADO DO PARÁ: UMA ANÁLISE A PARTIR DE INDICADORES E PARÂMETROS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA

EDUCACIÓN AMBIENTAL EN LAS ESCUELAS RURALES DEL MUNICIPIO DE CASTANHAL EN EL ESTADO DE PARÁ: UN ANÁLISIS A PARTIR DE INDICADORES Y PARÁMETROS DE LA EDUCACIÓN AMBIENTAL CRÍTICA

Suellen Lemes Freire Santos
Romier da Paixão Sousa

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado, a qual tem como objetivo a caracterização da atual situação da educação ambiental nas séries finais do ensino fundamental das escolas municipais localizadas na área rural do município de Castanhal no Estado do Pará, analisando os dados a partir de indicadores e parâmetros de educação ambiental crítica. Como resultados observou-se que a educação ambiental no município vem sendo desenvolvida prioritamente a partir da vertente conservadora, não abrangendo a complexidade ambiental como parte das discussões nas escolas. Por outro lado, é perceptível uma preocupação dos educadores em aproximar os conteúdos curriculares com a realidade social dos educandos, no entanto, encontram dificuldades para a sua concretização.

Palavras-chave: Educação ambiental crítica; Educação do campo; Ensino fundamental.

Abstract: This article presents the results of a master's study, which aims to characterize the current situation of environmental education in the final series of elementary schools of municipal schools located in the rural area of the municipality of Castanhal in the State of Pará, analyzing the data to indicators and parameters of critical environmental education. As a result, it was observed that environmental education in the municipality has been developed prioritizing from the conservative perspective, not covering the environmental complexity as part of the discussions in the schools. On the other hand, it is noticeable a preoccupation of the educators in approaching the curricular contents with the social reality of the students, nevertheless, they find difficulties for its concretization.

Keywords: Critical environmental education; Field education; Elementary School.

Resumen: Este artículo presenta los resultados de una investigación de maestría, la cual tiene como objetivo la caracterización de la actual situación de la educación ambiental en las series finales de la enseñanza fundamental de las escuelas municipales ubicadas en el área rural del municipio de Castanhal en el Estado de Pará, analizando los datos a a partir de indicadores y parámetros de educación ambiental crítica. Como resultados se observó que la educación ambiental en el municipio viene siendo desarrollada prioritariamente a partir de la vertiente conservadora, no abarcando la complejidad ambiental como parte de las discusiones en las escuelas. Por otro lado, es perceptible una preocupación de los educadores en aproximar los contenidos curriculares con la realidad social de los educandos, sin embargo, encuentran dificultades para su concreción.

Palabras clave: Educación ambiental crítica; Educación del campo; Enseñanza fundamental.

1. Introdução

As discussões em torno das questões ambientais tiveram evidência principalmente a partir da década de setenta, promovidas por agentes sociais que impulsionaram o debate em busca de alternativas para a superação das problemáticas ambientais e sociais, agravadas a partir do modelo de desenvolvimento econômico hegemônico, voltado prioritamente para a expansão do capital (GUIMARÃES, 2016).

Apesar de sua recente trajetória, a educação ambiental vem se construindo a partir de discussões sobre suas classificações e denominações, ressignificando-se segundo seus “sentidos identitários e fundamentais dos diferentes posicionamentos políticopedagógicos” (LAYRARGUES, 2004, p. 8). Para Layrargues e Lima (2011, p.12) existem três macrotendências contemporâneas da educação ambiental que disputam a hegemonia simbólica e objetiva desse campo: a conservacionista, a pragmática e a crítica.

As propostas de educação ambiental conservacionista e pragmática estão inseridas em uma perspectiva voltada para uma visão individualista, fundamentada em vivências práticas e com pouca problematização da realidade, “sofrendo influências do sistema capitalista” e incluindo a sociedade na “visão sustentável e de pragmatismos ambientalistas” (LIMA, 2015, p. 4). Em contraposição a estas vertentes, Guimarães (2004) concebe a educação ambiental crítica como um meio de ler o mundo de uma maneira mais “complexa e instrumentalizada”, contribuindo para o processo de “transformação da realidade socioambiental” (p.27).

Assim, quanto mais a educação ambiental afasta-se de sua potencialidade crítica, mais “cristaliza-se no senso-comum do que venha a ser essa prática educativa” (LAYRARGUES, 2012, p. 398). Diante essa problematização, questiona-se: como a educação ambiental tem sido construída nas escolas rurais em um município no Estado do Pará?

Logo, o objetivo deste artigo foi caracterizar a atual situação da educação ambiental nas séries finais do ensino fundamental das escolas municipais localizadas no espaço rural do município de Castanhal no estado do Pará, analisando os dados a partir de indicadores e parâmetros da educação ambiental crítica.

2. Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa foi desenvolvida na área rural do município de Castanhal, a qual está localizada na mesorregião metropolitana de Belém, com latitude: 01° 17' 38" S, longitude: 47° 55' 35" W, distante 68 km da capital do Estado do Pará.

O município de Castanhal possui trinta escolas municipais localizadas em seu espaço rural. Entre essas, três escolas ofertaram turmas dos anos finais do ensino fundamental (8º e 9º anos) no ano de 2017. Estas, então foram as escolas selecionadas para a realização da pesquisa.

A educação ambiental é proposta para ser construída gradativamente na educação formal a partir de sua transversalidade, por esse motivo optou-se em pesquisar os anos finais do ensino fundamental. Supõe-se que estes trazem em sua trajetória uma maior complexidade acadêmica, se comparados aos anos anteriores.

A pesquisa tem um enfoque qualitativo e se constituiu de coleta, análise e interpretação de dados (CHIZZOTTI, 2009). Para o levantamento das informações, foram utilizadas como técnicas a observação, o questionário com perguntas fechadas e a entrevista semiestruturada (GIL, 2010). O questionário foi construído tendo como base o instrumento aplicado pelo Ministério da Educação (MEC), em uma pesquisa sobre a educação ambiental realizada em âmbito nacional (TRAJBER; MENDONÇA, 2007).

O levantamento das informações aconteceu entre os meses de dezembro de 2016 a agosto de 2017. Para a obtenção das informações no âmbito da Secretaria Municipal de Educação de Castanhal (SEMED), foi realizada uma entrevista semiestruturada com a responsável pela educação ambiental, ligada à coordenação de ensino da SEMED. Posteriormente, foram visitadas as três escolas selecionadas com o propósito de observar o espaço escolar e dialogar com a comunidade.

A pesquisa de campo foi realizada em três escolas municipais, com a equipe gestora, educadores e educandos das turmas de 8º e 9º anos do ensino fundamental. Foram aplicados 204 questionários fechados, os quais representam 67% do quantitativo de alunos matriculados nos anos finais do ensino fundamental das escolas rurais do município de Castanhal, 39% dos professores lotados nas turmas pesquisadas e 64% do corpo técnico administrativo e pedagógico das escolas (diretores, vice-diretores e técnicos pedagógicos).

E com o objetivo de evidenciar algumas situações identificadas nos questionários, foram realizadas entrevistas semiestruturada com a diretora, educandos e educadores de uma das escolas pesquisadas.

Os questionários foram tabulados no programa de Excel, separados por escola e sujeitos participantes. As entrevistas semiestruturadas foram transcritas e submetidas à uma análise interpretativa das informações, utilizando a técnica de análise de conteúdo (GIL, 2008). O material transcrito foi identificado de acordo com cada categoria de sujeitos entrevistados.

Para a análise dos dados coletados, foi utilizada a metodologia de triangulação a partir das múltiplas técnicas de coleta utilizadas na investigação (DUFFY, 1987). Todos os dados foram analisados a partir dos indicadores e parâmetros da educação ambiental crítica sugerida por Luz e Tonso (2015): **Indicador 1-** A compreensão sobre as origens ou as causas dos problemas ambientais; **Indicador 2-** A articulação da dimensão técnica com a dimensão social; **Indicador 3** – A participação dos educandos na escolha dos saberes e conteúdos prioritários; **Indicador 4** – Os conteúdos do trabalho pedagógico que dialoguem com a realidade socioambiental local; **Indicador 5** – A identificação dos educandos com a comunidade a que pertencem; **Indicador 6** – A ação coletiva; **Indicador 7** – O papel da avaliação na ação educativa.

3- Contexto das escolas pesquisadas

Foi percebido que 62,5% da equipe gestora participante da pesquisa residem na comunidade onde atuam profissionalmente. Por outro lado, apenas 12,5% do corpo docente moram nas comunidades. Grande partes desses educadores também estão lotados em outras escolas do município, participando pouco da dinâmica social da comunidade. Para Molina e Freitas (2015), no processo formativo sob os princípios da educação do campo, é essencial a compreensão dos processos culturais e as relações de trabalho cotidianas que formam a identidade dos sujeitos do campo. Logo, esse distanciamento dos educadores com a comunidade escolar dificulta essa construção de vínculos, como também, de possibilidades de relacionamento entre os conteúdos curriculares e as vivências da comunidade.

A idade dos estudantes pesquisados varia predominantemente, entre 13 e 16 anos. Em relação ao local de residência dos educandos, foram citadas ao todo 33 localidades, entre elas, várias comunidades vinculadas a projetos de assentamento rural.

Em termos do desenvolvimento de atividades agrícolas nas comunidades, 72% afirmaram que em seu estabelecimento familiar existe o cultivo de alimentos. Destes, 68% disseram que a renda familiar vem parte ou totalmente dessa produção agrícola. Esses resultados são esperados, pois todas as comunidades onde as escolas estão localizadas são conhecidas como agrovilas e importantes fornecedores de frutas e verduras para a cidade de Castanhal, como também para os municípios vizinhos. No entanto, existem famílias que mesmo residindo no espaço rural desenvolvem pouca ou nenhuma atividade agrícola, tendo a sua atividade produtiva ligada a outros setores como o comércio e o serviço público.

4- Análise da educação ambiental nas séries finais do ensino fundamental a partir de indicadores e parâmetros da educação ambiental crítica

Compreensão sobre as origens ou as causas dos problemas ambientais

Carvalho (2012, p. 33-34) diz que “somos, de certa forma, reféns das nossas visões ou conceitos, ângulos sempre parciais que usamos para acessar o mundo”. Por esse motivo, a reflexão sobre esse indicador parte do princípio que as ações educativas são resultado da percepção que se tem sobre um determinado assunto. Portanto, as ideias construídas particularmente sobre as questões ambientais podem indicar a direção das propostas de educação ambiental no espaço escolar.

Com esse entendimento, é necessária a investigação sobre a compreensão dos sujeitos acerca das principais causas dos problemas ambientais. A falta de “conscientização” e individualismo das pessoas é considerado pelos educadores e educandos como sendo uma das principais causas da degradação ambiental. Para Leff (2009), essa necessidade de criar uma cultura ecológica em busca de uma transformação das relações do homem com a natureza, envolve o domínio das estruturas ideológicas e do comportamento dos indivíduos, sem propriamente “tocar as raízes da racionalidade produtiva e os estilos de desenvolvimentos dos quais dependem os processos de degradação ambiental” (p. 281).

Esta visão focada nas questões estritamente comportamentais está relacionada à visão conservacionista (LAYRARGUES; LIMA, 2011; PLÁCIDO; GUIMARÃES, 2014), a qual visa a transformação do indivíduo através de uma “educação bancária”, conceituada por Paulo Freire como sendo uma relação vertical, onde quem ensina deposita os conhecimentos (depositantes), e os aprendentes são os receptores passivos (depositários) (FREIRE, 1987).

A relação entre o modo de produção e consumo com a degradação ambiental foi observada de maneira tímida nos depoimentos. A questão do desmatamento e assoreamento dos rios foi associada à criação de gado que é expressiva na região.

Carvalho (2012) explica que para compreender a problemática ambiental, é necessária “uma visão complexa do meio ambiente, em que a natureza integra uma rede de relações não apenas naturais, mas também culturais e sociais” (p.38). Esta assimilação é percebida nas falas, onde a degradação em seu âmbito social, econômico e ambiental é relacionada à criação de gado nos latifúndios na região, os quais além de monopolizar grandes extensões de terras, não compreendem as diversas dimensões que se constituem o espaço rural, muito além das econômicas (FERNANDES, 2008).

Foi observado a partir da análise dos dados deste indicador, que existe uma compreensão dos sujeitos sobre a conexão entre os aspectos ambientais, sociais e econômicos vivenciados nas comunidades. No entanto, não foi percebido um aprofundamento da discussão sobre a relação entre produção e consumo e os processos de degradação ambiental. Neste sentido, a percepção das causas dos problemas ambientais estão relacionadas a uma escala exclusivamente local, em detrimento de uma compreensão em um contexto mais amplo, ou seja, regional, nacional e global.

A articulação da dimensão técnica com a dimensão social

A ciência moderna instituiu-se em oposição ao senso comum, que considera “superficial, ilusório e falso”, mas por outro lado, Santos (2002, p. 107) explica que um não existe sem o outro. Sendo assim, apesar do senso comum ser considerado

“conservador”, ele possui um caráter libertador e utópico, o qual propicia sua valorização a partir do diálogo com o conhecimento científico (SANTOS, 2002).

Diante esta situação, a escola precisa respeitar os saberes que os educandos levam para a sala de aula, os quais são construídos socialmente na prática comunitária (FREIRE, 1996). A escola também tem a possibilidade de promover a interação entre os conhecimentos científicos e os saberes culturais dos estudantes, visando a articulação da dimensão técnica com a dimensão social. Neste sentido, este indicador visa refletir sobre a relação existente entre o saber científico e o não científico no espaço escolar.

Entre os principais temas desenvolvidos nos projetos de educação ambiental nas escolas pesquisadas está a horta e pomares; a água; e as culturas e saberes tradicionais e populares tradicionais. Em todas as escolas pesquisadas existe um projeto para a construção da horta na escola.

Foi observado através das conversas informais com os sujeitos da pesquisa a importância da horta no espaço escolar, principalmente porque a escola procura relacionar essa atividade com as práticas que são comuns nos estabelecimentos familiares. O diálogo promovido sob essa temática reflete a questão de identidade e é uma forma de aproximação com os estudantes. Os educandos mais envolvidos nestas atividades são as crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental.

A partir dos dados foi possível perceber a preocupação das escolas em manter a identidade cultural dos estudantes, seja discutindo questões sobre problemáticas locais e saberes tradicionais, ou através da construção de hortas escolares. Esses temas citados possibilitam uma gama de possibilidades de diálogo entre o conhecimento científico e os saberes populares, no entanto, grande parte das atividades desenvolvidas nas escolas sob essas temáticas, não atendem às séries finais do ensino fundamental, ou seja, a possibilidade de uma abordagem mais crítica e reflexiva sobre essas questões.

A participação dos educandos na escolha dos saberes e conteúdos prioritários

Este indicador parte do princípio que a “participação é um meio e um fim” (LUZ; TONSO, 2015), portanto, “não cria aquele que impõe, nem aqueles que recebem; ambos se atrofiam e a educação já não é educação” (FREIRE, 1979, p. 40).

Neste entendimento, e visando a construção de uma concepção crítica na escola, a participação ativa dos educandos nos processos educativos é fundamental para estimular a sua autonomia e emancipação, além de dinamizar e potencializar o exercício da cidadania (LUZ; TONSO, 2015). Porque como diz Gadotti et al. (1995, p. 90): “afinal o que é a conscientização senão levar a decidir-se?”.

Através da fala dos educandos foi possível observar a existência do conflito entre os termos “participação” e “escolha”. Logo, as atividades mais dinâmicas e participativas podem estar relacionadas às questões observadas na comunidade a partir dos “olhos” do educador, mas não pode ser confundida com as prioridades e desejos de aprendizagem levadas pelos educandos.

Diante o exposto e buscando fazer uma interlocução dos educandos com a escola, esta pesquisa apontou as principais temáticas que os estudantes gostariam que fossem abordadas em sala de aula. As três escolas foram unânimes em relação ao principal tema que gostariam que os professores abordassem em sala de aula: "lixo e reciclagem". Este resultado pode estar associado ao modo como a educação ambiental geralmente é desenvolvida nas escolas: voltada para a limpeza e destinação dos materiais recicláveis. Quando questionados sobre a importância do desenvolvimento da educação ambiental na escola, as respostas foram principalmente em relação à limpeza do espaço escolar: “[...] porque precisamos de ambiente limpo”, “[...] porque acho legal o ambiente limpo”.

O segundo tema mais relevante foi "produção ecológica", que evidencia o interesse dos educandos sobre as alternativas de produção agrícola que não acarrete danos ao ambiente e à saúde da comunidade. Essa temática possui grande relevância para os estudantes, principalmente, porque a grande maioria de suas famílias (72%) desenvolve algum tipo de atividade agrícola.

O terceiro tema mais citado foi "culturas e saberes tradicionais e populares", coincidindo com a temática que os educadores informaram desenvolver em projetos de educação ambiental nas escolas. Logo, desenvolver atividades de educação ambiental a

partir desta temática possibilita a compreensão de que o “ambiente não é apenas o mundo de fora, o entorno do ser e do ente”, mas também, é um “saber sobre a natureza externalizada, sobre as identidades desterritorializadas, a respeito do real negado e dos saberes subjugados por uma razão totalitária” (LEFF, 2010, p. 21).

Portanto, esse indicador propiciou a reflexão sobre a dificuldade que as escolas apresentam em dialogar com os educandos em busca de suas prioridades e desejos em relação aos conteúdos escolares. Em contrapartida, os educandos apresentaram temáticas relevantes para serem trabalhadas na escola e que possibilitam o desenvolvimento da educação ambiental em sua vertente mais crítica.

Os conteúdos do trabalho pedagógico que dialoguem com a realidade socioambiental local

A percepção ambiental pode ser compreendida como sendo “uma tomada de consciência das problemáticas ligadas ao ambiente, ou seja, o ato de perceber o ambiente em que se está inserido”, e também como “os indivíduos veem, compreendem e se comunicam com o ambiente, considerando-se as influências ideológicas de cada sociedade” (VILLAR et. al. 2008, p. 286).

Freire (1979) explica que “quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”, portanto, “[...] adaptar é acomodar, não transformar” (p.16-17). Logo, este indicador tem como objetivo a compreensão sobre o reconhecimento dos sujeitos em relação às características locais (culturais, produtivas e organizacionais), como também a ação pedagógica na escola a partir desses elementos.

Com o objetivo de atender esta proposta, questionou-se os educandos sobre a utilização dos conhecimentos aprendidos na escola em suas atividades do dia-a-dia, e 92% disseram relacioná-los às atividades cotidianas. Esses dados demonstram a importância da escola para os estudantes, como também para a comunidade. Logo, Loureiro et al. (2007) enfatizam que uma das “[...] funções mais importantes da escola é seu poder de transformação e influência da comunidade na qual está inserida” (p.37).

A partir da percepção dos educadores e da equipe gestora, os principais objetivos das escolas em relação a educação ambiental são, prioritamente, a sensibilização para o convívio com a natureza e o ensino voltado para a preservação dos recursos naturais.

Dialogando com essas informações, Reigota (2014) explica que essas temáticas exclusivamente ecológicas foram exaustivamente desenvolvidas nas primeiras décadas que se iniciaram os debates no contexto da educação ambiental, onde as discussões estavam sempre muito próximas à ecologia biológica, não relacionando as problemáticas ambientais com os problemas sociais e políticos.

Para os educadores, os principais problemas ambientais que possuem potencial para dialogar com os conteúdos programáticos identificados nas falas dos sujeitos são: “queimadas” e “expansão da agricultura familiar”.

Na percepção dos educandos, o principal impacto socioambiental identificado é o desmatamento, seguido pela poluição dos rios e igarapés e também a questão do lixo que geralmente é negligenciada pelo poder público, pois na maioria das comunidades não há coleta regular do lixo, logo, o destino dos resíduos sólidos, na grande maioria das vezes, é a queima.

Diante esses dados, foi possível observar em um âmbito geral a percepção dos sujeitos sobre as especificidades locais. Percebe-se que há um entendimento sobre as questões emergentes das comunidades, no entanto, há um conflito em relação aos objetivos da educação ambiental nas escolas. Em prol de uma educação dita crítica e emancipadora, é necessário rever as prioridades das escolas na dinamização de projetos e/ou atividades de educação ambiental, para além de uma abordagem estritamente biológica.

A identificação dos educandos com a comunidade a que pertencem

A composição das identidades e das pessoas na complexidade ambiental se dá “com o posicionamento do indivíduo e de um povo no mundo; na construção de um saber que orienta estratégias de apropriação da natureza e a construção de mundos de vidas diversos” (LEFF, 2010, p. 47).

Com esse entendimento, este indicador visa identificar os laços comunitários existentes nos espaços pesquisados, assim como o sentimento de pertencimento dos sujeitos com a sua comunidade.

Para os educadores e gestores, a participação da comunidade nos projetos de educação ambiental ainda é pouco expressiva. A interação entre a comunidade e a escola acontece, não frequentemente, por meio de palestras de sensibilização e parcerias com a comunidade para o desenvolvimento de atividades específicas envolvendo a questão ambiental.

Quando perguntado aos educandos sobre os seus projetos de vida, eles disseram que almejam continuar os estudos através da universidade ou de cursos técnicos profissionalizantes voltados para a área de serviços urbanos (caixa de supermercado, técnico de informática). Em relação às profissões que pretendem exercer, todos os entrevistados disseram ter intenção de fazer um curso de graduação, entre os mais citados estão o curso de direito, de formação de professores e voltados para a informática.

Quanto aos planos para o futuro, apenas 14% dos estudantes têm projetos voltados para a permanência no espaço rural, enquanto 86% têm pretensão de sair do campo em algum momento, em busca de melhores possibilidades de vida.

Um agravante a esta situação é o desencorajamento dos pais agricultores para a continuidade dos seus filhos nas atividades agrícolas, devido ao sofrimento e às dificuldades de trabalho no sistema de produção. Essas evidências foram obtidas por Sousa (2015) em uma pesquisa realizada no estado do Pará, onde constatou que grande parte dos jovens do campo não possuem conhecimentos acumulados em relação à agricultura.

Diante esses fatos, Molina e Freitas (2015) explicam que as escolas do campo têm o grande desafio de “contribuir para a transformação das relações e ideologias que fundamentam as relações sociais na lógica do capital”, ressignificando os “valores da subordinação do trabalho ao capital” (p. 26).

A partir deste indicador foi possível observar o distanciamento da juventude com a comunidade a que pertence. Essa falta de planos envolvendo o território rural é um indicador da insatisfação destes com a dinâmica territorial. Percebe-se, também, uma

disjunção entre as escolas e as comunidades para a construção de uma identidade dos jovens com o lugar.

A ação coletiva

A educação, além de um ato de conhecimento, é também um ato político (SHOR; FREIRE, 1986). Neste sentido, a intencionalidade, inerente ao processo educativo, viabiliza “relações e ações sociais de caráter colaborativo em contextos significativos, que aliam saberes e práticas sociais cotidianas de intervenção na realidade local”, construindo assim a consciência de comunidade e de espaço público, ou seja, “trata-se de admitir que o aprendizado é, por essência, uma relação sociocultural e histórica” (JACOBI et al., 2009, p. 70).

A partir deste entendimento, e em busca de compreender os movimentos políticos existentes na comunidade, foi observado que os educandos têm conhecimento sobre a existência de grupos ligados a igrejas e a associações em suas comunidades, mas pouco sabem explicar sobre as pautas e atividades que são desenvolvidas em seu interior. Alguns estudantes disseram não participar das reuniões, e outros demonstraram pouco interesse nas discussões:

Os movimentos sociais citados pelos educandos são em sua grande maioria formados por movimentos ligados à luta pela terra e reforma agrária. No âmbito escolar, percebe-se que existe o conhecimento sobre essas organizações na comunidade, mas é inexistente a interação destas com o ambiente escolar, exceto na escola C onde há uma forte dinâmica desse movimento no interior da escola, pois esta localiza-se dentro de um assentamento rural (FERNANDES, 2015).

Em prol de reconhecer a capacidade de lidar com os conflitos socioambientais e tendo em vista os problemas identificados nas comunidades, questionou-se os educadores sobre as providências que eventualmente foram tomadas pela escola juntamente com a comunidade para a resolução dos problemas observados.

Conforme os depoimentos, é muito comum a utilização das “trilhas interpretativas” para o desenvolvimento da educação ambiental nas escolas em conjunto com a comunidade, como forma de transmitir informações relativas à natureza. No

entanto, Carvalho (2012) entende que uma proposta de educação ambiental com a intencionalidade crítica precisa estar voltada para a formação de sujeitos capazes de “ler” o ambiente e interpretar as relações, os problemas e os conflitos presentes, ou seja, precisa ir além de onde os olhos podem ver. Logo, para a intervenção ativa é necessário a compreensão dos complexos processos geradores desses problemas, ou seja, seus aspectos ecológicos, históricos, geográficos, econômicos e sociais.

Observa-se a partir deste indicador que as escolas ainda precisam avançar nos processos dialógicos baseado nas trocas de experiências e de saberes com as comunidades, em busca de lidar com os conflitos, a partir de proposições coletivas.

O papel da avaliação na ação educativa

Um dos momentos mais importantes do processo educativo é a reflexão crítica sobre a prática, porque é “pensando criticamente a prática” que se pode “melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 18).

Buscando refletir sobre o processo avaliativo das ações de educação ambiental nas escolas, questionou-se os gestores e educadores sobre a avaliação do trabalho desenvolvido em educação ambiental na escola. Todos disseram não conhecer nenhum processo avaliativo proveniente da Secretaria de Educação do município. E as avaliações realizadas na escola não possuem critérios específicos, sendo realizados a partir da observação.

Entre as principais dificuldades para o desenvolvimento da educação ambiental nas escolas estão a falta de interesse dos profissionais na temática, falta de tempo para planejar e desenvolver as atividades, dificuldade da comunidade escolar em entender as questões ambientais e a precariedade de recursos materiais.

A questão do material didático para o desenvolvimento da educação ambiental foi muito evidenciada nas falas dos educadores, como também é notória a necessidade de formação específica para o desenvolvimento da educação ambiental na escola.

A partir deste indicador foi possível compreender a fragilidade do processo avaliativo da educação ambiental nas escolas pesquisadas. A falta de uma avaliação

mais consistente que possa indicar as dificuldades e avanços das atividades desenvolvidas, pode acarretar uma maior dificuldade em planejar novas ações, visando resultados significativos.

5- Considerações finais

A educação ambiental nas escolas do município de Castanhal vem sendo efetivamente construída através de projetos institucionais apenas nos últimos cinco anos. No entanto, esses projetos ainda não estão voltados para as especificidades das escolas nos espaços rurais e pouco atendem os anos finais do ensino fundamental.

É importante destacar que é neste período da vida que os jovens estão efetivamente construindo uma consciência social e uma percepção mais apurada da realidade. Logo, o fato de não ter um trabalho pedagógico mais efetivo na escola em relação às questões socioambientais locais, pode afastá-los por completo da perspectiva do campo.

Outro ponto que se faz necessário colocar em pauta, é o objetivo da educação ambiental no município, que está prioritamente voltado para a ludicidade e a sensibilização dos educandos (educação ambiental conservadora), ou seja, a complexidade ambiental não está fazendo parte das discussões nas escolas. Por outro lado, observa-se que existe por parte das escolas pesquisadas, uma preocupação em aproximar os conteúdos curriculares com a realidade social dos estudantes. No entanto, é perceptível a dificuldade dos educadores para a sua concretização, seja por falta de tempo ou de formação específica.

Outra preocupação relaciona-se à fragilidade dos educadores em relação às propostas pedagógicas e políticas da educação do campo. Essa formação precisa valorizar as identidades dos povos do campo, de suas lutas, dos problemas vividos, das relações contraditórias com o capital. Faz-se necessário refletir também sobre o processo acelerado de urbanização que Castanhal vive e a pouca identidade cultural dos jovens com o campo, devido principalmente à influência de uma visão urbanocêntrica de sociedade.

Referências

- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. Cortez Editora, 2012.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2009.
- DUFFY, Mary E. (1987). Methodological triangulation: a vehicle for merging quantitative and qualitative research methods. **Journal of Nursing Scholarship**, 19(3), 130-133.
- FERNANDES, B. M. Educação do campo e território camponês no Brasil. In: SANTOS, C. A. (Org.). Educação do campo: campo, políticas públicas **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Brasília: Inca; MDA, 2008. p. 39-66.
- FERNANDES, E. M. **Educação do campo em situação fronteira: estudo sobre o assentamento Cupiúba em castanhal-pa**. Dissertação de mestrado, 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura). Impressão: 2002. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>. Acesso em: 29/11/2017.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.
- GADOTTI, M. et al. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 4. ed. – São Paulo: Cortez, 1995.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GUIMARÃES, Mauro. Educação ambiental crítica. In: **Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente**, p. 25-34, 2004. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/publicacao/20_publicacao13012009093816.pdf#page=27. Acesso em: 14/01/2018.
- GUIMARÃES, Mauro. Por uma educação ambiental crítica na sociedade atual. **Revista Margens Interdisciplinar**, v. 7, n. 9, p. 11-22, 2016.
- JACOBI, P. R. et al. A função social da educação ambiental nas práticas colaborativas: participação e engajamento. **Cadernos Cedes**, v. 29, n. 77, p. 63-79, 2009.
- LAYRARGUES, P. P. Apresentação: (Re)Conhecendo a educação ambiental brasileira. In: **Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente**, p. 25-34, 2004. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/publicacao/20_publicacao13012009093816.pdf#page=27. Acesso em: 14/01/2018.
- LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C. **Mapeando as macro-tendências político-pedagógicas da educação ambiental contemporânea no Brasil**. VI Encontro “Pesquisa em Educação Ambiental” e a Pós-Graduação no Brasil Ribeirão Preto, setembro de 2011.
- LAYRARGUES, Philippe Pomier. Para onde vai a educação ambiental? O cenário político-ideológico da educação ambiental brasileira e os desafios de uma agenda política crítica contra-hegemônica. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 7, n. 14, 2012. Disponível em: http://sinop.unemat.br/site_antigo/prof/foto_p_downloads/fot_9827educayyo_ambiental_contba-hegemynica_pdf.pdf. Acesso em: 25/02/2018.
- LEFF, E. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação & realidade**, v. 34, n. 3, 2010.
- LEFF, E. **Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- LIMA, Gleice Prado. Educação ambiental crítica: da concepção à prática. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, v. 1, n. 2, p. 33-54, 2015.
- LOUREIRO, C. F. B. et al. Conteúdos, gestão e percepção da educação ambiental nas escolas. **O que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental**, Edição eletrônica. p. 33-77, 2007.
- LUZ, W. C. L.; TONSO, S. Construção de indicadores e parâmetros de educação ambiental crítica. **VIII EPEA - Encontro Pesquisa em Educação Ambiental**. Rio de Janeiro, 19 a 22 de Julho de 2015.
- MOLINA, Mônica Castagna; FREITAS, Helana Célia Abreu. Avanços e desafios na construção da Educação do Campo. **Em Aberto**, v. 24, n. 85, 2015.
- PLÁCIDO, P. O.; GUIMARÃES, M. **Considerações sobre a educação ambiental, empresas e escolas: ressignificando trajetórias pela perspectiva crítica**. IN: SILVA, M. L. Políticas e práticas de educação ambiental na Amazônia: das unidades de conservação aos grandes empreendimentos econômicos. Belém: UFPA, GEAM, 2014.
- REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. Brasiliense, 2014.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. In: **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 2002.

SHOR, I; FREIRE, P. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor**. Tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SOUSA, Romier da Paixão. Educaci3n profesional y sabidurías de los jóvenes campesinos en la Amazonía: una reflexión desde la Agroecología Política. **Tese de doutorado**. Sevilla: UPO, 2015. 350p.

TRAJBER, Rachel; MENDONÇA, Patrícia Ramos (Orgs). **Educação na diversidade: o que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao5.pdf>. Acesso em: 07/01/2017.

VILLAR, Livia Melo et al. A percepção ambiental entre os habitantes da região noroeste do estado do Rio de Janeiro. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 12, n. 2, p. 285-290, 2008.

Recebido: Aceito: 27/11/2020.

Autores:

Suellen Lemes Freire Santos

Mestre em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Campus Castanhal

Email: suellen1206@yahoo.com.br

Romier da Paixão Sousa

Doutor em Estudios Medioambientales pela Universidad Pablo de Olavide
Professor do Programa de Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos
Agroalimentares do Instituto Federal do Pará, Campus Castanhal

E-mail:romier.sousa.ifpa@gmail.com